
VOZ(ES) FEMININA(S) NEGRA(S) NA LITERATURA INFANTOJUVENIL E PEDAGOGIA ECO-ANCESTRAL EM *ASHANTI, NOSSA PRETINHA*

Patrícia da Silva Souza
<https://orcid.org/0009-0007-4916-606X>

Patrícia Cristina de Aragão
<https://orcid.org/0000-0002-5046-0916>

Resumo: O presente artigo referenda um recorte de pesquisa de Mestrado Profissional (PPGFP-UEPB), na Escola João XXIII, instituição do campo no município de Pocinhos-PB, que tem objetivo discutir a importância da autoria negro-feminina na literatura infantojuvenil numa perspectiva antirracista e decolonial a partir da análise da obra literária *Ashanti, nossa pretinha* (2021), de Taís Espírito Santo, e enveredar no entrelace entre Literatura e a Pedagogia Eco-Ancestral na construção literária infantojuvenil para (re)construções identitárias das crianças e das infâncias de maneira positiva, de forma a combater o racismo vivenciado no contexto da sociedade. Utilizamos abordagem metodológica bibliográfica e descritiva, alicerçada na pesquisa-ação. Partimos de estudos literários e análises de documentos relativos à temática étnico-racial, seguidos das narrativas vivenciadas com oficinas literárias numa turma de 5º ano de uma Escola do Campo. Usamos como aporte teórico a Lei Federal 10.639/2003, e autores como Oliveira (2019), Duarte (2011) e Ribeiro (2017). A partir deste estudo constatamos o papel preponderante que a literatura infantojuvenil de escrita negra feminina tem na (re)construção e (re)existência da identidade e dos corpos negros no contexto infanto-juvenil e corrobora na construção de um pensamento crítico e reflexivo de forma positiva e empoderada sobre a negritude e a identidade negra; ela promove essas ações entrelaçada com a Pedagogia Eco-Ancestral, de forma a combater o racismo institucional e a necropolítica social.

Palavras-chave: Escrita feminina negra-brasileira. Pedagogia Eco-Ancestral. Literatura Infantojuvenil antirracista.

BLACK FEMALE VOICE(S) IN CHILDREN'S LITERATURE AND ECO- ANCESTRAL PEDAGOGY IN *ASHANTI, NOSSA PRETINHA*

Abstract: This article is part of a Professional Master's degree research (PPGFP-UEPB), at Escola João XXIII, a rural institution in Pocinhos-PB, which aims to discuss the importance of black female authorship in children's literature from an anti-racist and decolonial perspective, from the analysis of the literary work *Ashanti, nossa pretinha*(2021), by Taís Espírito Santo, and promotes an intertwining between Literature and Eco-Ancestral Pedagogy in children's literary construction for (re)constructions of identity of children and childhoods in a positive way in order to combat racism experienced in the society. We used a bibliographic and descriptive methodological approach based on action-research. We started with literary studies and analysis of documents related to ethnic-racial themes, followed by narratives experienced during literary workshops in a 5th year class at a Countryside School. As a theoretical support we use Federal Law 10,639/2003, and authors such as Oliveira (2019), Duarte (2011) and Ribeiro (2017). We found the preponderant role that children's literature written by black female writers has in the the (re)construction and (re)existence of identity and black bodies in the children's and youth context and

corroborates for the construction of critical and reflective thinking in a positive and empowered way about blackness and black identity; it promotes these actions intertwined with Eco-Ancestral Pedagogy, in order to combat institutional racism and social necropolitics.

Keywords: Black-Brazilian female writing. Eco-Ancestral Pedagogy. Anti-racist children's literature.

VOZ(ES) FEMENINA(S) NEGRA(S) EN LA LITERATURA INFANTIL Y ECO-PEDAGOGÍA ANCESTRAL EN ASHANTI, NOSSA PRETINHA

Resumen: Este artículo respalda una parte de la investigación de Maestría Profesional (PPGFP-UEPB), de la Escola João XXIII, institución rural del municipio de Pocinhos-PB, que tiene como objetivo discutir la importancia de la autoría femenina negra en la literatura infantil desde una perspectiva anti- racista y decolonial a partir del análisis de la obra literaria Ashanti, nuestra niña negra (2021), de Taís Espírito Santo, y embarcarnos en el entrelazamiento entre Literatura y Pedagogía Eco-Ancestral en la construcción literaria infantil para (re)construcciones de identidad de niños y infancia de manera positiva, con el fin de combatir el racismo experimentado en el contexto de la sociedad. Se utilizó un enfoque metodológico bibliográfico y descriptivo, basado en la investigación acción. Comenzamos con estudios literarios y análisis de documentos relacionados con temas étnico-raciales, seguidos de narrativas vividas durante talleres literarios en una promoción de 5º año de una Escuela de Campo. Utilizamos como sustento teórico la Ley Federal 10.639/2003 y autores como Oliveira (2019), Duarte (2011) y Ribeiro (2017). A partir de este estudio encontramos el papel preponderante que la literatura femenina negra infantil y juvenil tiene en la (re)construcción y (re)existencia de la identidad y los cuerpos negros en el contexto infantil y juvenil y corrobora la construcción del pensamiento crítico y reflexivo, de una manera positiva y empoderada sobre la negritud y la identidad negra; promueve estas acciones entrelazadas con la Pedagogía Eco-Ancestral, con el fin de combatir el racismo institucional y la necropolítica social.

Palabras clave: Escritura femenina negra-brasileña. Pedagogía Eco-Ancestral. Literatura infantil antirracista.

1. INTRODUÇÃO

A Lei Federal 10.639/2003 completou 21 anos desde sua promulgação. Sua existência permite a obrigatoriedade de um ensino que prime na perspectiva de uma educação antirracista e decolonial nas instituições escolares de todo país. Apesar da Lei apresentar determinações de ensino e estudo da história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos públicos e privados em toda Educação Básica do país, com foco nos componentes curriculares de Arte, História e Literatura, muitas vezes ela é negligenciada, sendo utilizadas práticas educacionais sem

aprofundamento teórico, referendando a temática de maneira romantizada e maquiada.

Partindo do contexto de combate ao racismo e do pressuposto de Literatura como direito da humanidade focamos, neste estudo, a intersecção entre a Literatura de autoria feminina negra e a Literatura Infantojuvenil. Partimos da maiêutica¹ que permeia suas estruturas e caminhos de memória e experiência, numa escrita singular e plural que tenciona os sentidos e questionamentos sociais e abre vários caminhos que interseccionam em um mesmo lugar, o da memória ancestral.

Nos propomos a fazer uma releitura da Literatura a partir dos caminhos trilhados por mulheres negras em seus saberes literários, compreendendo as intersecções entre as avenidas que tematizam as literaturas, na personificação dos personagens/protagonistas e suas memórias sociais subjetivas e plurais. Compreendemos que esta produção apresenta-se como relevante material didático pedagógico que compõe o rol da cananologia literária afro-brasileira. Comunga com esse pensamento Araújo (2021, p.13).

As histórias, tanto as autobiográficas quanto as ficcionais, narradas a partir dessas perspectivas plurais e historicamente silenciadas, contam acerca de sujeitos que a história oficial falhou em incluir em seus tratados; a saber, a mulher negra e sua complexa subjetividade e condição social, temas desconsiderados nos registros dos homens brancos que costumavam escrever, contar e legitimar a história. Além de contar a história e dominar a noção de verdade, esses mesmos homens brancos ditavam as regras para a existência e composição de um cânone literário, segundo o qual a suposta mais alta qualidade literária e estética fosse destacada. As mulheres negras sequer eram consideradas nesses lugares e processos.

Dessa maneira, acreditamos que as narrativas das escritoras negras propostas para o público infantojuvenil permitem educar, valorizar, reconhecer, reparar e ressignificar a história e a cultura da ancestralidade africana, no movimento contínuo da (re)construção identitária, nos caminhos trilhados na maiêutica de escritoras negras, apresentando-se como terreno fértil para o diálogo nos cruzamentos discursivos da identidade negra, no resgate da memória ancestral e na apropriação da cultura e história do povo negro.

¹ O termo maiêutica, evidenciado na narrativa, corresponde ao termo filosófico de Sócrates, significa “dar à luz”, ou “ato de parir” conhecimento. Acreditamos que além de “parir” conhecimento, as narrativas das escritoras negras fertilizam as mentes com conhecimento histórico e cultural da ancestralidade africana e afro-brasileira, corroborando para uma educação antirracista e decolonial.

Caminhamos com uma abordagem metodológica bibliográfica e descritiva de pesquisa-ação baseada em Tripp (2005). O embasamento teórico foi feito a partir da Lei Federal 10.639/2003, e de autores como Oliveira (2019), Trancoso e Oliveira (2020) e Duarte (2003), nas discussões sobre Literatura e o entrelace com a Pedagogia Eco-Ancestral.

Para tanto, discutiremos, em um primeiro momento as perspectivas da educação antirracista decolonial, seguida do entrelace da Pedagogia Eco-Ancestral ou da ancestralidade, vinculados ao contexto literário de autoria negra e feminina. Posteriormente, apresentaremos o relato de práticas pedagógicas experienciadas nas oficinas pelos/as estudantes da turma do 5º ano da Escola Municipal João XXIII (Escola do Campo), pertencente ao município de Pocinhos-PB.

2. DISCUTINDO OS ENTRELACES ENTRE LITERATURA NEGRA FEMININA E O ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A literatura tecida por escritoras negras referencia o lugar de fala, representa as vozes insubmissas que ecoam através das escrituras, no sentido de ressignificar o presente, projetando aspectos do futuro, sem esquecer do passado. Suas escritas representam uma potência em seus corpos, características que expressam identidade, luta, resistência, representatividade feminina, ancestralidade, cultura e história silenciada. Estas escritas foram camufladas com as diferentes facetas do racismo e sexismo, com destaque, ao epistêmico, que impôs à mulher negra a negação de adentrar nas ambiências acadêmicas, impedindo o aperfeiçoamento e destaque do pensamento crítico e intelectual da mulher.

Nosso objetivo é discutir a importância da Literatura como lugar de conhecimento e de pertença, conquista e direito da escrita negra feminina em sua autoria e estruturação de lugar de fala, na luta contra o racismo, sexismo, machismo, patriarcado capitalista e misoginia no contexto da sociedade brasileira, pois, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidades dialeticamente os problemas” (Cândido, 2011, p. 177). Em vista disso, as narrativas literárias promovem viagens educativas e formativas, construtivas e pedagógicas, formando uma dialogicidade entre autor/a e leitor/a no entrelace de vozes e pensamentos, na construção emancipatória social, política, humana e humanizadora, na intersecção dos valores interligados aos Direitos Humanos da

liberdade democrática, identitária e emancipatória.

Houve um epistemicídio na historicidade de formação do povo brasileiro, este termo foi cunhado pelo sociólogo Boaventura Souza Santos e complementado por Sueli Carneiro, uma das mulheres precursoras do Movimento Negro Feminista. Ele explica pedagogicamente a funcionalidade no Brasil: denota-se o epistemicídio como um instrumento utilizado pelo colonizador para dominação étnica e racial, na forma empreender e legitimar a construção do conhecimento, propagado como “única verdade” ou “história única”, de “civilizar” o colonizado. Como é definido por Carneiro (2005, p. 97).

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimização do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva, pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima, pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc.

Compreendemos que a Literatura representa um fio entre a ancestralidade africana e a afro-brasileira, na educação emancipatória para a reconstrução da historicidade identitária do povo negro, na construção e formação positiva e empoderada, bem como na importância da mulher negra como produtora de conhecimento, saberes e fazeres no contexto literário e acadêmico.

A educação antirracista consiste na erradicação do preconceito e da discriminação, que muitas vezes estão vinculados aos pensamentos preconcebidos e a estereótipos que são apresentados nas diferentes ambientes da sociedade e meios sociais. Ela o faz a partir de ensino, através da criticidade, a partir do reconhecimento positivo da diversidade racial.

A perspectiva de uma educação antirracista existe desde as primeiras articulações dos movimentos sociais negros no Brasil que, de maneira educativa, dialoga com a sociedade sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, sobretudo sobre a importância do respeito nas relações étnico-raciais, a presença do racismo nas ambientes sociais e o papel preponderante de uma educação antirracista em

âmbito nacional, para que as diferentes infâncias conheçam, dialoguem, respeitem e orgulhem-se de sua ancestralidade negra. Como corrobora Gomes (2005, p.43). “A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro”.

Para que haja uma construção identitária histórica e subjetiva de cada estudante negro/a e não-negro/a se faz necessário que essa seja construída a partir das nuances da perspectiva social respeitosa, empoderada, alicerçada na historicidade orgulhosa da negritude brasileira. Nesse sentido, o entrelace da Literatura de escrita negra feminina com a Pedagogia Eco-Ancestral ou da Ancestralidade, apresenta um vasto conhecimento de atuação desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Essa proposta apresenta-se como importante nos estudos étnicoraciais, principalmente, no trato com as novas pedagogias para o combate ao patriarcalismo/modernismo dentro/fora das ambientes escolares. Vislumbramos nas narrativas literárias a intencionalidade e empoderamento da criança negra no trato com a natureza e o corpo-templo-resistência, configurando-se como direito humano, uma vez que estas direcionam olhares para a cura de diferentes formas de violência que estão presentes nas infâncias.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) estabelece uma ruptura provocada pela Decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, inclusive do outro, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, uma vez que é alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se ressignifica na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência, pois resistir às atrocidades também é sagrado, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e dessa forma é um corpo capaz de sobreviver às barbáries sociais (Oliveira, 2019, p.04).

O poder de fala da mulher negra transgride e rompe a existência de “um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos”(Ribeiro, 2017, p.22). É uma luta histórica contra os espaços de silenciamentos impostos em que a mulher negra foi condicionada historicamente pelo patriarcado hegemônico nas relações humanas e sociais. Esse lugar de fala da mulher negra na sociedade é construído a partir da ótica política, social, identitária de racialidade, espaço geográfico, e outras particularidades que se interseccionam na luta pelos espaços na sociedade.

A literatura infantojuvenil é um forte antídoto para o conhecimento de si, da cultura e da história, “[...] é arte; fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização” (Coelho, 2000, p.27).

Nosso trabalho didático pedagógico se referenda nos estudos de Rildo Cosson (2009), na elaboração estrutural das oficinas pedagógicas e nos estudos de Aparecida Maria de Jesus Ferreira (2014, 2022), nas discussões sobre letramento racial crítico a partir das temáticas evocadas pelas três literaturas estudadas nas oficinas: *Ashanti, nossa Pretinha* (2021), de autoria de Taís Espírito Santo. O trabalho foi dividido em 03 oficinas, vivenciadas entre os meses de julho e agosto de 2023, numa turma de 5º ano, na Escola Municipal João XXIII, pertencente ao município de Pocinhos-PB.

As oficinas foram pautadas no letramento literário a partir dos estudos de Cosson (2009), na composição da sequência básica: motivação, introdução, leitura e interpretação, bem como no letramento racial crítico com base nos estudos documentais e bibliográficos, e sobretudo no material metodológico basilar, as literaturas infantojuvenis, uma vez que estudaremos elementos históricos, culturais, sociais, identitários e representativos que as literaturas transmitem em sua composição escrita e ilustrativa.

Nos fundamentamos também no letramento racial crítico e, para tal, dialogamos com Ferreira, (2014, p. 239): “Teoria Racial Crítica, que considera narrativas, autobiografias, histórias, contranarrativas, histórias não hegemônicas, cartas... para demonstrar como o racismo é estrutural na sociedade e no ambiente educacional”. Questionamos os privilégios da branquitude e evocamos a história e cultura africana e afro-brasileira do pensamento da negritude e as concepções da historicidade ancestral afro-brasileira de forma positiva e educativa.

Este estudo se comprehende e se configura de maneira articulada e em etapas do letramento básico de sequência básica de Cosson (2009), na composição da sequência básica: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A literatura *Ashanti, nossa pretinha* (2021), da escritora Taís Espírito Santo, com ilustrações de Cau Luis, foi publicada pela editora Malê. Sua narrativa é centrada na concepção da família negra, expressa através das imagens, do uso de tecidos africanos, dos nomes dos personagens africanos e do respeito ao *griô* da comunidade. Taís Espírito Santo é mulher preta, escritora, assessora literária e gestora cultural, nasceu em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro é filha de Isabel e Francisco

e desde pequena amava ler e escrever em diários. Participou das coletâneas *Olhos de Azeviche: Dez escritoras que estão renovando a literatura brasileira*, da Editora Malê em 2017; *Favela e em mim*, da Oriki Editora, em 2019; *Narrativas negras-biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras*, da Editora Voo, em 2020 e, em 2021 escreveu seu primeiro livro Infantil *Ashanti, nossa pretinha*.

A primeira oficina foi feita com o objetivo de conhecermos o continente africano na ótica decolonial antirracista. Embarcamos numa viagem para conhecermos o continente em suas riquezas culturais e naturais a partir do movimento da filosofia africana do *Sankofa*, de voltar ao passado, ressignificar o presente e edificar o futuro com as cosmovisões africanas. Partimos da premissa de que não se pode entender a História do Brasil sem compreender suas relações com o continente africano, enveredamos nas narrativas literárias, com diálogos construtivos salutares a respeito do continente africano, da diáspora africana e da forma que nossos descendentes foram trazidos para o Brasil, apresentando as riquezas do continente africano, contido no *mapa mundi*, com a localização e a quantidade de países que fazem parte da África.

A posteriori apresentamos *slides* mostrando a África como berço da humanidade, o baobá como árvore que faz parte do continente e lhe representa no contexto de lendas e de todo processo histórico africano. Durante toda oficina as/os estudantes ficaram curiosos com as descobertas da ancestralidade. Saber que os povos africanos foram sequestrados para serem escravizados no Brasil os impactou e fez iniciar o processo de descolonização das mentes. O texto da leitura na oficina foi a letra/música: *África*, do grupo de música Palavra Cantada. E a finalização se deu com a realização de um quebra-cabeça com imagem do mapa político do continente africano, de forma que eles/as levasssem para casa e ficassem manuseando para um melhor conhecimento dos países do continente. Nesse momento, um estudante da sala fez um questionamento referente à quantidade de países que falavam o português. E, respondemos que eram 06 países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Esta oficina foi muito importante para os/as estudantes, que permaneceram atentos e participativos em cada etapa da sequência vivenciada.

Figura 1: Compilado de imagens conhecendo o continente africano - Berço da humanidade (1^aoficina da literatura *Ashanti, nossa pretinha*)



Fonte: Elaborada pelas autoras (2024).

Na segunda oficina da literatura *Ashanti, nossa pretinha*, estudamos a biografia da autora e levamos, dentro do baú literário, a literatura, os tecidos com Adinkras, tecidos e material para pintura, como também a sacolinha com as cópias da literatura a ser estudada.

De início, como motivação da oficina, estudamos a música *Pretinha*, da MC Mirella, para a (des)construção da beleza feminina da criança e mulher negra, com a dialogicidade interpretativa da música.

Realizamos a etapa da introdução com a leitura da biografia da autora Taís Espírito Santo e do ilustrador Cau Luis. Em seguida, realizamos uma viagem ao do reino Axante, que é apresentado como título da literatura estudada, evidenciando a importância da mulher na representatividade e no lugar de liderança, como Yaa Asantewaa, que foi rainha-mãe de Ejisu, líder do povo Axante, atual Gana. Ela liderou a Guerra do Trono de Ouro contra os colonizadores britânicos. A guerra teve início no ano de 1900 e durou cerca de sete meses. Apresentamos vídeos e *slides* e caminhamos pela historicidade da nossa descendência ancestral. Conhecemos os reinos, principalmente, o reino Axante, em virtude do estudo da literatura *Ashanti, nossa pretinha*, e observamos as riquezas que esse povo possuía em seu território, o trato com esculturas de ouro e outros artefatos, e, por fim, realizamos o estudo dos

Adinkras e seus significados. Destacamos, nessa oficina, a presença da mulher no reinado e na luta, defesa e resistência do seu povo.

Figura 2: Compilado de imagens conhecendo o reino Ashanti- história do matriarcado, Adinkras- (2^a Oficina da literatura *Ashanti, nossa pretinha*)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Nesse sentido, levamos dois jogos da memória/pareamento, objetivando identificar algumas mulheres que fizeram/fazem parte da luta e resistência da mulher negra no país até a atualidade. O primeiro jogo, intitulamos como *Mulheres negras brasileiras precursoras no antirracismo*, e o segundo, *Mulheres negras brasileiras na atualidade e o antirracismo*. Eles são compostos de 10 personagens cada um, contendo em um card a imagem e no outro a biografia, objetivando o pareamento da imagem à sua biografia, podendo ser jogado individualmente, em duplas ou em equipes.

Figura 3 :Estudantes jogando o jogo da memória das mulheres precursoras e da atualidade (2^a oficina da literatura *Ashanti, nossa pretinha*)



Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Este é um jogo para conhecermos um pouco sobre algumas mulheres importantes na história brasileira e que foram silenciadas durante séculos. Ele apresenta um convite natural: sempre nas horas vagas voltamos a brincar! Apresentamos Teresa de Benguela, Dandara, Luisa Mahin, dentre outras mulheres negras que contribuíram para a conquista de espaços de liderança na sociedade brasileira. E na atualidade, além das escritoras estudadas, outras personalidades que são lideranças na política, no esporte e na educação. E, por fim, na fase de interpretação, estudamos as simbologias e significados dos Adinkras, herança do povo Axante, atual Gana, utilizados para comunicar uma mensagem, e presentes em portões de ferro, artefatos de beleza e tecidos.

Na terceira oficina, buscamos motivar estudantes (colaboradores da pesquisa), a partir da primeira etapa da sequência didática: A motivação, com a contação da *Lenda do brinco de ouro*, de autoria de Heloisa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade e ilustração de Denise Nascimento, uma narrativa que se configura como uma lenda do povo Axante, e alicerçamos a presença desse povo nas inúmeras vertentes da história e cultura no processo construtivo da sociedade atual.

Em seguida foi realizada a leitura do texto literário, compartilhada com a turma, consecutivamente. Em seguida foi apresentada a proposta da atividade interpretativa, na qual promovemos um diálogo entre a literatura e a vida dos colaboradores. Na

temática sobre a família, apresentada na literatura, realizamos uma ponte de diálogos a partir de desenhos com semelhanças e diferenças entre a família da literatura e a família de cada estudante.

Percebemos um diálogo com mais semelhanças do que diferenças entre a família de Ashanti e as dos estudantes, tais como: ambiente rural e de comunidades, o carinho e cuidado de uns para com os outros da comunidade, e sobretudo o respeito para com os mais velhos da comunidade, com escuta atenta dos ensinamentos e conselhos para a vida.

3. Conclusões

Os resultados evidenciados ao término desse trabalho referendam a emancipação do pensamento crítico e reflexivo acerca das relações étnico-raciais e da (re)construção e valorização da identidade negra com práticas efetivas de respeito à diversidade pluriétnica e multicultural no cotidiano escolar, trabalhando sobretudo o orgulho de ser negra/o.

Presenciamos também a curiosidade aguçada para saber histórias pretas, exercendo uma prática leitora, prazerosa e crítica acerca das temáticas apresentadas nas literaturas afro-brasileiras. Houve também a inclusão no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar supramencionada, durante todo ano escolar, de práticas educativas antirracistas.

É certo que a escrita negra feminina, além de representatividade de lugar de fala, corrobora com o direito a uma educação emancipatória, humanizada e humanizadora, na ressignificação das relações étnico-raciais de forma que a equidade se faça presente nos contextos sociais, que a menina/mulher possa ocupar espaços que almeja na sociedade e que menino/homem contribua de maneira afirmativa para as conquistas do feminino, sem distinção de gênero, classe ou raça/etnia.

Houve uma promoção das concepções pautadas na educação antirracista e decolonial, bem como, na educação pautada na equidade e na diversidade humana, social, econômica, política e educacional, evidenciadas na Pedagogia da Ancestralidade/Eco-Ancestral.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei Nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm acesso em 20 de janeiro 2023

CÂNDIDO. Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO. Antônio. **Vários escritos**. 5^a edição. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011. p 171-193.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 339p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. 1. ed. São Paulo. Moderna. 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DUARTE. C. L. Feminismo e literatura no Brasil . **Estudos Avançados**, v.17, n. 49, pp- 151-172, 2003. Recuperado de
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>

ESPÍRITO SANTO, Taís. **Ashanti, nossa pretinha**. Ilustrações de Cau Luis.- Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 14, p. 236-263, jul. – out. 2014.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento Racial Crítico. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.) **Suleando Conceitos E Linguagens: Decolonialidades E Epistemologias Outras**. Campinas – SP: Editora: Pontes Editores.2022. p. 207-214.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MEC - Secad (Org.). **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/2003 - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005, p. 39-61.

OLIVEIRA. Kiusam de. Pedagogia da Ancestralidade. **Portal SESC**. 2019. Disponível em:
https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE. Acesso em 18/07/2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.



TRANCOSO, Joelma dos Santos Rocha; Oliveira, Kiusam Regina de. Pedagogia Eco-Ancestral: caminhos para (r)existência de infâncias negras. **@rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.10-26 2020

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

Submetido em 08/08/25.

Aprovado em 15/04/25.